



OPERAÇÕES ESPECIAIS – GUERRA DE GUERRILHAS SOVIÉTICAS: IMPLICAÇÕES ATUAIS

Henry S. Whittier Jr.

O Capitão Henry S. Whittier Jr. serve no Centro e Escola de Informações do Exército dos EUA, Forte Huachuca, Arizona. Exerceu vários cargos de informações militares táticas e estratégicas na República do Vietnã, na Agência de Informações da Defesa e na 82ª Divisão Aeroterrestre.

A moderna guerra de guerrilhas expandiu-se não somente em extensão mas em profundidade desde a linha de frente do inimigo à sua base. Tal é a extensão do campo de batalha numa guerra total, onde o inimigo é atacado pela frente, pelos flancos e pela retaguarda.

Ferdinand O. Miksche, *Secret Forces*

Durante a Segunda Guerra Mundial, os guerrilheiros soviéticos atuaram com eficiência tanto com unidades do Exército regular como de operações especiais. Desde aquele conflito, as forças soviéticas de operações especiais expandiram-se e modernizaram-se. As guerrilhas russas representam uma ameaça potencialmente considerável à estrutura de defesa da OTAN. A capacidade do Pacto de Varsóvia de levar a efeito tais operações é fato conhecido; no entanto, existem vulnerabilidades. Há divergência entre os seus países-membros. Outra vulnerabilidade é o emprego de forças de operações especiais dos EUA e de seus aliados. As forças da OTAN podem também identificar, localizar e destruir a capacidade do Pacto de Varsóvia de realizar operações especiais/guerra de guerrilhas. Se planejarmos enfrentar essa ameaça hoje, não estaremos surpresos se nos encontrarmos face a ela no futuro.

IMPLICAÇÕES ATUAIS

A maioria dos estudantes da guerra de guerrilhas concorda que a contribuição desta ao resultado da Segunda Guerra Mundial não foi decisiva e que os aliados a teriam vencido sem a ajuda da resistência. Entretanto, as ações das tropas especiais dos guerrilheiros durante aquele conflito oferecem algumas lições eficazes a serem aprendidas para aplicar com êxito as modernas táticas e técnicas de combate, enunciadas na série de manuais "Como Combater".

O Manual de Campanha 100-5, *Operações*, ressalta nos capítulos 7, "Informações", e 9, "Guerra Eletrônica", que o sistema de informações no campo de batalha moderno deve ser capaz de detectar as tentativas de coleta de informações pelas forças inimigas, ocultando, ao mesmo tempo, nossas intenções por meio de um programa amplo e compreensivo de segurança de operações. Além de considerações táticas convencionais, a doutrina soviética, como assinalou o Capitão Kenneth J. Strafer em seu artigo "A Ameaça Soviética ao Transporte Marítimo para a Europa", publicado no número de julho de 1977 da *Military Review*, dá ênfase ao estudo em profundidade das nossas formas de realizar o suprimento em considerações estratégicas e planejamento de guerra.

O Exército Vermelho está acostumado a combater com pouco suprimento por um período de até três semanas durante o avanço. Em virtude de triplicarem inicialmente a carga de tudo, desde o soldado individual aos transportes de artilharia, seria extremamente difícil para nossas tropas encontrarem e cortarem suas linhas de comunicação e as colunas de suprimento.

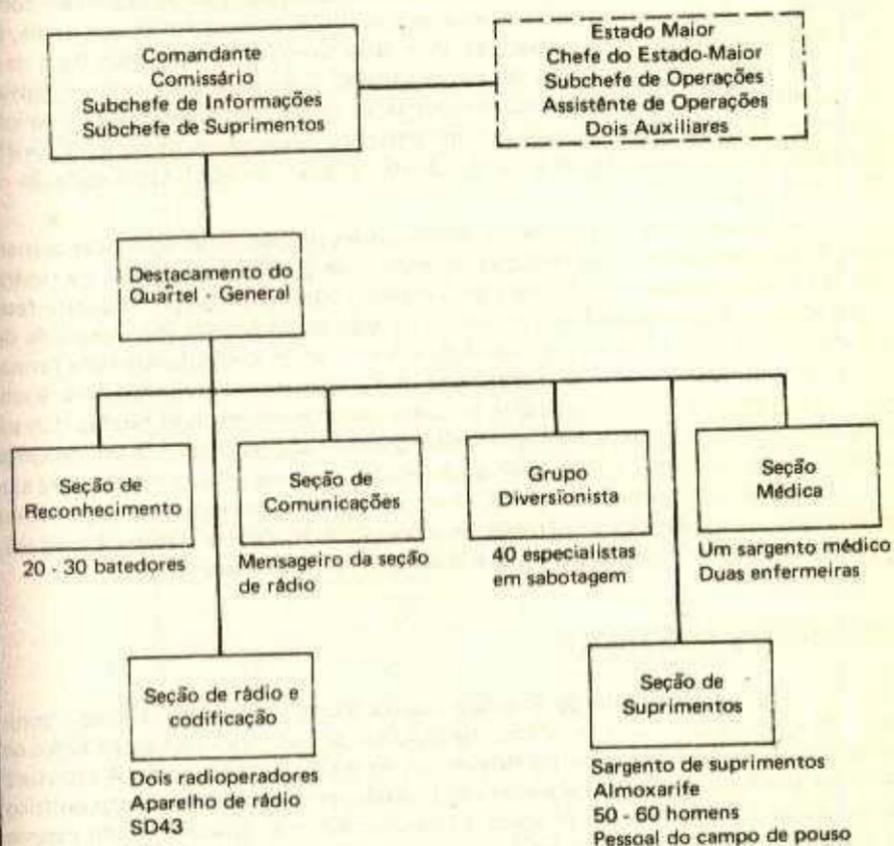
Ao mesmo tempo, Graham Turbiville deixou claro em seu artigo "Tropas Aeroterrestres Soviéticas: fator cada vez mais poderoso na equação", publicado no número de abril de 1976 da revista *Army*, que os soviéticos prevêm o uso de tropas de operações especiais em coordenação com a ajuda de guerrilheiros de países do Pacto de Varsóvia a fim de enfraquecer a defesa ativa em profundidade da OTAN. Isso seria feito por meio de uma série de ataques bem coordenados contra esconderijos de suprimentos, depósitos de armas nucleares e elementos do quartel-general da zona de retaguarda. Essas missões tornam-se mais claras ao serem estudadas as táticas de guerra irregular soviéticas da Segunda Guerra Mundial.

*O valor real dos guerrilheiros durante a 2ª Grande Guerra só pode ser avaliado de maneira aproximada, porque as suas atividades eram tão diversificadas — aniquilar soldados inimigos em um local, retardar outros em lugar diferente, informar sobre movimentos de tropas inimigas, imobilizar várias divisões, manter o moral da população e aceitar o rendimento de uma guarnição.*¹

Entretanto, do ponto de vista funcional, as maiores contribuições do movimento dos guerrilheiros soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial parece ter sido nos setores da guerra de guerrilhas e informações.

Por meio de sabotagem, combate e assassinatos selecionados, os guerrilheiros devidamente desdobrados em áreas de importância estratégica podiam imobilizar

GRUPO TIPICO DE OPERAÇÕES DE GUERRA E GUERRILHAS



zar muitas forças inimigas apoiadas por carros de combate e aeronaves. Esse tipo de combate foi comum durante a guerra contra as nações do Pacto Tríplice.

No campo de informações, o escopo era amplo porque os guerrilheiros estavam em todas as partes. Sua localização era ideal em virtude do fato de estarem atrás das linhas inimigas. Os alemães estavam certos de que os repetidos ataques soviéticos eram iniciados em áreas que os relatórios dos guerrilheiros indicavam como vulneráveis. "Pela mesma razão, os guerrilheiros eram a única fonte que podia, de forma consistente, orientar o Exército Vermelho contra a posição mais fraca da linha de frente do inimigo".² Durante a 2ª Grande Guerra, os americanos e ingleses encaravam a guerra de guerrilhas como uma série de grupos pequenos de demolição com missões de sabotagem e coleta de informações. Além dessas missões, os soviéticos acrescentaram a tarefa de criar o máximo possível de confusão e agitação no meio civil.

Freqüentemente, entretanto, as atividades de guerrilhas soviéticas sofriam falta de controle central. Na tentativa de padronizar o esforço guerrilheiro e centralizar o comando e controle, o Exército Vermelho adotou um plano de quatro fases usado pelos Aliados Ocidentais. Primeiro, os agentes do *NKVD* (Comissariado do Povo para Assuntos Internos), sucessor da *Cheka*,* eram despachados para formar grupos de sabotagem. Segundo, a técnica de apoio selecionado era usada para desenvolver os grupos de guerrilheiros que tivessem maior êxito em suas tarefas. (Os sucessos eram recompensados pelo apoio. Os fracassos nada recebiam e eram deixados ao seu próprio destino.) Em terceiro lugar, enviava-se uma missão militar para ajudar a melhorar o treinamento. Quarto, as tropas de operações especiais, as primeiras versões das atuais *Reydiviki* (Tropas de Choque) e *Vysotniki* (Forças Especiais), eram enviadas para ajudar no combate e a elevar o moral dos guerrilheiros.

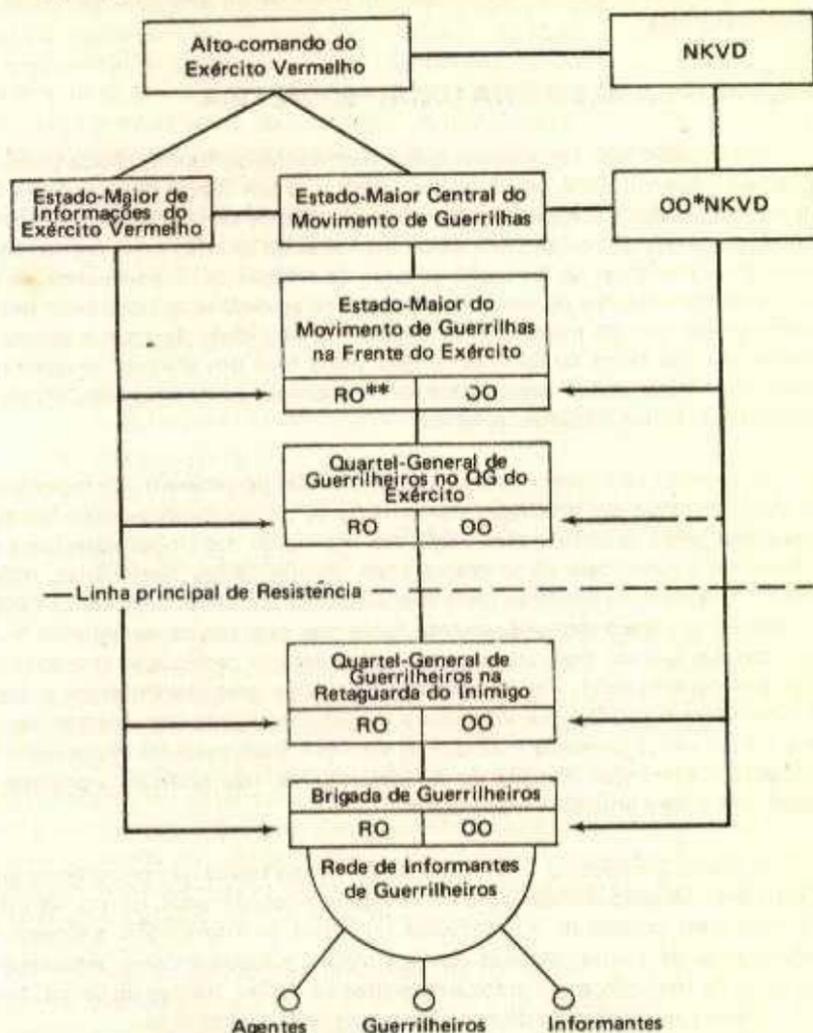
COMANDO E CONTROLE

O campo de batalha da Segunda Guerra Mundial era mais extenso e complexo do que qualquer outro anterior, impondo exigências crescentes sobre todos os combatentes, especialmente os que lutavam na frente de combate russa. A estrutura de poder soviética desejava estabelecer um procedimento de controle tanto político como militar para os seus guerrilheiros. Conseqüentemente, estabeleceu um sistema de controle em profundidade sob a forma de representantes do *NKVD* nos escalões, começando com o Alto-Comando do Exército Vermelho até o Quartel-General das Brigadas de Guerrilheiros (ver Figura 1).

A fim de solidificar ainda mais as comunicações com os guerrilheiros que o apoiavam, o Exército Vermelho freqüentemente enviava representantes do seu serviço de informações para atuar como oficiais de ligação. Garantiu-se assim que as atividades dos guerrilheiros não entrariam em conflito com o Exército, nem lhe seriam prejudiciais. Além disso, a tática de economia de forças era facilitada pelas comunicações eficientes, permitindo que a carga dos soldados regulares soviéticos fosse aliviada pelas atividades de guerrilhas em pontos críticos. Uma vez estabelecidas,

GUERRA DE GUERRILHAS

Cooperação entre os Guerrilheiros e o Serviço de Informações Soviético



*Serviço de Informações do NKVD

**Serviço de Informações do Exército Vermelho

Fonte: OKH/Gen StdH/FHO, Nachr. chten ueber den Bandenkrieg Number 1, 3 de maio de 1943.

Anlage 6 (CMDS, H 3/738).

Figura 1

as comunicações entre o Exército e os guerrilheiros estendiam-se desde o Quartel-General do Partido Central, bem no interior da fronteira soviética, até as unidades do território polonês. Um único fato era e continua sendo de suma importância para a liderança soviética — a manutenção da presença do Exército Vermelho nos territórios ocupados.

A EXPERIÊNCIA ALEMÃ NA UNIÃO SOVIÉTICA

Os alemães logo perceberam que a frente-atrás-da-frente, criada pelas tropas especiais e guerrilheiros, podia tornar-se por si só um Teatro de Operações. Perceberam também que a disponibilidade e manutenção de cartas exatas que mostrassem locais prováveis de resistência e possíveis zonas de reunião eram pré-requisitos para operações eficientes de proteção da zona da retaguarda. Frequentemente sem mapas exatos, as unidades de serviço da zona de retaguarda se aglomeravam nos entroncamentos de vias de transporte em virtude da facilidade do local e segurança. Naturalmente, essa tática também as tornava presa fácil dos ataques de guerrilhas. "Uma vez que os centros de suprimento foram dispersos pelos povoados, as atividades de guerrilhas foram bastante reduzidas".³

À medida que a guerra continuava, os alemães perceberam que mesmo uma defesa ativa com base em atividades combinadas de tropas combatentes e forças de segurança não podia garantir a eliminação das atividades das tropas especiais e dos guerrilheiros. Os principais alvos destes eram comunicações ferroviárias, tráfego rodoviário, depósitos de suprimentos e comunicações por rádio/telefone. O Estado-Maior Alemão percebeu demasiadamente tarde que suas tropas da linha de frente estavam corretas quando pediram permissão para fazer a pacificação reunindo forças com a população local. Verificou-se que os líderes guerrilheiros eram soldados profissionais bem treinados que impunham medidas de estrita segurança sobre suas forças a fim de evitar detecção e ataque de surpresa. Essas medidas implicavam frequentemente e evacuação forçada de cidades inteiras, não tanto para proteger os evacuados como para impedir a espionagem.

A Figura 2 apresenta a estrutura de um grupo típico de operações de guerra de guerrilhas. Quando devidamente comandados e coordenados, os regimentos de guerrilheiros eram capazes de proporcionar relatórios de informações a Moscou sobre movimentos de tropas, efetivos das guarnições, estados-maiores, segurança de pontes, local de munição e armazéns e depósitos de rações, tráfego de cargas, transporte de cereais e o movimento de cidadãos russos para a Alemanha.

* *Cheka (Chrezvychainaya Kommissiya)* — a comissão especial na URSS (1917-22) encarregada de impedir as atividades contra-revolucionárias. Foi substituída pelos *G.P.U.*, *MVD* e *NKVD*.
— Nota da Edição Brasileira.

YELNYA-DOROGOBUZH

Um exemplo notável de uma operação bem-sucedida de guerra de guerrilhas/exército regular é a campanha realizada de dezembro de 1941 a fevereiro de 1942 na região de Yelnya-Dorogobuzh, a oeste de Moscou (ver Figura 3). Os agentes e guerrilheiros soviéticos haviam coordenado a chegada da 214ª Brigada Aeroterrestre no verão de 1941. Atuando na área de Viasma a Dorogobuzh e em torno dela, prepararam-se ainda mais para sua contra-ofensiva de inverno, levando a cabo guerra psicológica contra as tropas alemãs e a população soviética. "O que o povo russo não viu acontecer às forças alemãs em sua área no verão e outono de 1941, tomaram conhecimento através das operações de guerra psicológica do Exército Vermelho".⁴ Entre os fatores que favoreciam o emprego de guerrilheiros na região de Yelnya-Dorogobuzh citavam-se:

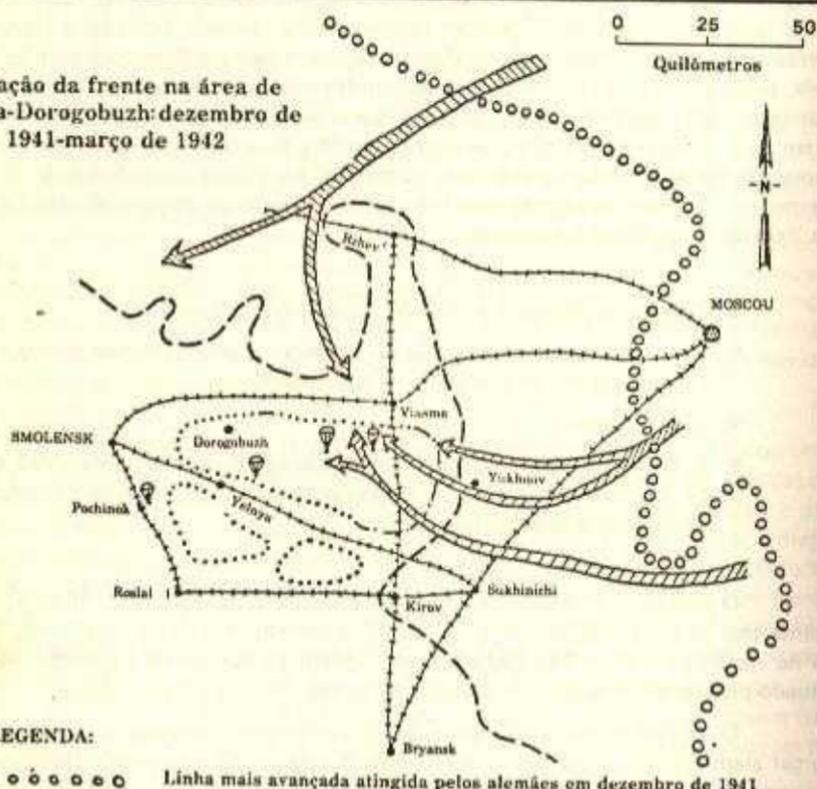
- Terreno favorável — pântanos, lagos, florestas virgens.
- Proximidade física do Exército Vermelho, possibilitando contato direto com forças militares e bases de suprimentos.
- Apoio popular.
- A falha do Alto-Comando Alemão de agir decisivamente contra a ameaça dos guerrilheiros ou de estabelecer forças de segurança sólidas a fim de impedir a sua reorganização.

O emprego arrojado de tropas de operações especiais/guerrilheiros, juntamente com o Exército Vermelho, resultou na reconquista de várias cidades, primeiro na região de Yelnya-Dorogobuzh e do Centro do Grupo de Exércitos Alemães, situado próximo a Moscou, e mais tarde ao longo de toda a frente alemã.

O momento não podia ter sido mais oportuno, uma vez que a situação das forças alemãs tinha-se tornado crítica. Aprofundados na área central da Rússia sem reservas suficientes, o Exército Teuto estava desdobrado numa defesa linear ao longo de uma frente por demais extensa. As atividades dos guerrilheiros mantiveram deficientes as comunicações com a retaguarda, extremamente necessárias, resultando na interrupção contínua do fluxo de suprimentos.

As tropas alemãs não dispunham de roupa de inverno adequada, estavam exaustas e desalentadas após uma longa e frustrante campanha de outono. Além disso, um inverno extremamente severo chegou de repente com temperaturas de até -60°C. O destino — que levou o exército de Napoleão em 1812 tornou-se obsessão tanto para as tropas como para os comandantes, ao se encontrarem a menos de 40 quilômetros de distância de Moscou. A quebra definitiva do moral entre as forças alemãs, do Centro de Grupo de Exércitos, foi a substituição de seu comandante superior três vezes num período de 13 dias. Somente uma ordem direta do próprio *Führer* impediu a retirada em larga escala em toda a frente.

Situação da frente na área de
Yelnya-Dorogobuzh: dezembro de
1941-março de 1942



LEGENDA:

- ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ Linha mais avançada atingida pelos alemães em dezembro de 1941
- ← Penetrações da ofensiva de inverno soviética, janeiro-fevereiro de 1942
- - - - - Linha de frente no início de março de 1942
- . - . - Guerrilheiros misturados com tropas aeroterrestres e tropas regulares
- Guerrilheiros
- ☪ Lançamento de pára-quedistas soviéticos, janeiro-fevereiro de 1942

Quando as forças soviéticas ganharam ímpeto e rechaçaram os teutos para a posição que haviam mantido em 15 de novembro de 1941, os temores alemães de uma repetição da experiência francesa de 1812 começaram a tornar-se realidade. Os documentos oficiais mostram que as estimativas das informações proporcionadas aos comandantes na frente afirmavam que a eficiência de combate dos soviéticos era baixa e que estavam insuficientemente equipados com armas pesadas. Essa afirmação contradizia diretamente o sumário de informações da seção oriental de informações do Coronel Gehlen ("Exércitos Estrangeiros no Oriente"), relatório este que Hitler preferiu ignorar. A desintegração das linhas de suprimento e comunicações alemãs durante o inverno de 1942 deveu-se tanto às atividades diretas das tropas de guerrilheiros e de operações especiais como às condições atmosféricas, mudanças repentinas de comando e obstinação de Hitler em ignorar seus comandantes superiores e os oficiais de informações do Estado-Maior.

ATIVIDADES GUERRILHEIRAS/DE OPERAÇÕES ESPECIAIS NA BATALHA PRINCIPAL

Após examinar o emprego histórico das forças de operações especiais/guerrilhas pelos soviéticos, é possível especular como poderiam ser usadas hoje num conflito europeu. Uma hipótese das atividades de operações especiais num campo de batalha moderno incluiria a coordenação com todas as forças armadas disponíveis ao poder soviético.⁵ Muitos dos indivíduos nessas organizações são integrantes há muito tempo do Comitê de Segurança do Estado (*KGB*), que trabalham nos bastidores e que foram postados com identidades completas anos antes do início das hostilidades. Entre as vantagens dignas de nota que têm sobre os meios de reconhecimento convencionais citam-se as seguintes:

- Proximidade de seus alvos — menor probabilidade de serem descobertas.
- Localização — reconhecimento *in loco* antes da realização de qualquer ataque.
- Conhecimento do terreno em sua área — sabem usá-lo melhor do que estranhos.
- Facilidade de falsificação — histórias mais realistas se forem capturados em missão de espionagem.
- Cobertura — podem conseguir documentos de identidade requeridos das pessoas locais pelo inimigo.
- Falar o idioma local.
- Posicionamento — seus agentes estão nos escritórios, refeitórios e alojamentos do inimigo como pessoal civil contratado.

As tropas modernas de guerrilheiros/operações especiais são controladas nos mais altos níveis pelo *KGB*. Como seus antecessores do *NKVD*, os representantes e tropas do *KGB* são designados a todos os escalões das Forças Armadas soviéticas.

*A liderança do serviço de informações militares soviéticas (GRU) é constituída por funcionários profissionais do Estado-Maior do KGB em vez de militares. Aquele não pode empregar ninguém sem autorização prévia deste.*⁶

Os guerrilheiros que ainda não estivessem em suas posições antes do início das hostilidades seriam lançados em pequenos grupos nas zonas de retaguarda do inimigo para desempenhar missões de sabotagem e vigilância, semelhantes às realizadas contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial. Mudando constantemente de posição, seria muito difícil localizá-la. Manteriam contato com os agentes que ficassem atrás e com outros homens localizados nas cidades ao longo do itinerário de operações, infiltrando áreas designadas como objetivos do Exército, uma vez que as forças soviéticas tiverem começado suas ofensivas em larga escala.

Durante as retiradas russas, os guerrilheiros coordenariam suas operações com unidades especiais, tais como de esquí, de infantaria infiltrada, ou pára-quedistas. No caso de retiradas, bem como de combates subseqüentes de envolvimento, unidades soviéticas inteiras reunir-se-iam aos guerrilheiros e continuariam a combater.

As medidas de segurança dos guerrilheiros seriam ainda mais estritas do que as impostas durante a Segunda Guerra Mundial, as quais incluíam o uso de camuflagem, silenciamento de rádio e difusão de informação falsa sobre os seus movimentos.

Os campos de pouso rústicos e rádios de ondas curtas permitiriam o reabastecimento limitado, embora a maioria das requisições fosse feita nos povoados vizinhos.

Com pouquíssimas exceções, as operações de guerrilhas seriam realizadas à noite. Deveriam evitar, a não ser que fossem reforçadas por unidades principais do Exército Vermelho, combate aberto e continuamente empreender atividades de agressão contra todo o sistema de comunicações e de abastecimento do inimigo.

Nenhuma hipótese de guerra moderna estará completa sem a inclusão do possível emprego de armas nucleares, biológicas e químicas (NBQ). Os alvos das forças de operações especiais/guerrilheiras durante um conflito nuclear começariam com aqueles mencionados para uma guerra convencional.

*Subseqüentemente, seriam encarregadas de localizar e destruir nossos depósitos e áreas de lançamento de armas atômicas, informando nossa intenção de usar armas NBQ, indicando a localização das concentrações de nossas tropas e dos elementos do Quartel-General à sua equipe de localização de alvos NBQ e impedindo-nos de empregar nossas armas NBQ contra suas forças.*⁷

As vantagens das forças guerrilheiras/de operações especiais durante uma guerra NBQ contra táticas atualmente projetadas dependem de nossas tropas:

- Estarem mais amplamente dispersas com instalações de modo semelhante (apresentando assim mais alvos).
- Serem menos capazes de iniciar uma guerra antiguerrilha/de operações

especiais em virtude da dispersão (maior sobrevivência para as tropas que delas participarem).

- Serem incapazes de ocupar suas áreas de responsabilidade mais profundas e mais amplas (maiores possibilidades de desenvolvimento por parte dos guerrilheiros/das tropas de operações especiais).
- Serem pressionados insistentemente a localizar ou disparar contra alvos diminutos que operam atrás das linhas inimigas.

As forças de operações especiais que elevaram o moral dos guerrilheiros na Segunda Guerra Mundial expandiram-se com o correr do tempo. Hoje, as tropas de operações especiais soviéticas incluem 8 divisões aeroterrestres, um regimento em Neuruppin, na Alemanha Oriental, com, segundo consta, uma capacidade adicional de alerta de 24 horas; os 5º e 40º Batalhões de Pára-Quedistas da RDA em Prora/Rügen; um regimento de pára-quedistas nas vizinhanças de Holesov, Tcheco-Eslováquia; e partes da 6ª Divisão Aeroterrestre Polonesa, em Cracow.

De todos os países do Pacto de Varsóvia, no entanto, apenas a União Soviética tem capacidade para realizar operações estratégicas aeroterrestres. Podem movimentar duas divisões de 7.500 homens a 1.500 km através do limite avançando da área de defesa avançada numa única leva ou transportar três divisões com um menor número de viaturas a 1.000 quilômetros, dependendo da resistência do inimigo. As missões aeroterrestres típicas (cuja prioridade depende da situação tática) incluem:

- Assistência aos guerrilheiros.
- Reconhecimento e coleta de informações.
- Localização das armas nucleares, posição das armas e equipamento afim.
- Conquista de áreas importantes, itinerários e pontos de cruzamento, antes das operações de vulto.
- Destruição ou conquista de campos de pouso.
- Missões de sabotagem.
- Rupturas do controle de tropas, movimento e apoio logístico.

Os elementos especiais aeroterrestres, tais como as *Reydiviki*, *Vysotniki* e a *Brigada Osobova Naznacheniya* (Brigada de Tarefas Especiais) desempenham missões tais como sabotagem de instalações vitais, assassinio de pessoas importantes, raptos de pessoal importante das áreas política, militar ou econômica e criação de caos e pânico nas zonas de retaguarda por meio da violência. Alguns são treinados segundo os preceitos dos comandos de Otto Skorzeny da Segunda Guerra Mundial, dotados de uniformes da OTAN, com instrução proporcionada em inglês, francês, italiano, dinamarquês ou alemão pela escola de idiomas e treinamento de agentes.⁸ Forças desse tipo foram assaz bem sucedidas na Tcheco-Eslováquia durante a revolta de 1968.

As operações táticas aeromóveis são desempenhadas em particular por batalhões de fuzileiros motorizados especialmente armados e equipados. Os helicópteros podem transportar tropas soviéticas até 50 km no interior do território inimigo. São necessários de 35 a 45 helicópteros leves e de 5 a 10 médios para transportar um batalhão de fuzileiros motorizado.⁹ Todos os países do Pacto de Varsóvia podem realizar operações aeromóveis que tipicamente incluem a conquista de terreno chave — por exemplo, passos, pontes, vias de acesso e saída e destruição de objetivos que podem ser de valor potencial para o inimigo.

VULNERABILIDADES

A vulnerabilidade principal do sistema de forças de operações especiais/guerrilhas do Pacto de Varsóvia encontra-se nos seus próprios países-membros. A Revolução Húngara de 1956, a Revolução Tcheco-Eslovaca de 1968, o recente levante na Polônia e o sentimento anti-soviético do passado e atual expresso na Ucrânia, Estônia, Letônia, Lituânia e Finlândia, ressaltam o fato de que o Pacto de Varsóvia é, na realidade, mais uma coalizão involuntária do que uma força unida espontaneamente. No caso de hostilidades abertas, é bem capaz que os soviéticos se vejam combatendo uma guerra em todas as direções apesar de seus sistemas elaborados de segurança estatal.

A segunda vulnerabilidade é o emprego de nossas próprias forças de operações especiais, juntamente com unidades semelhantes dos nossos aliados. Treinadas em todas as áreas de especialidades a que se arrogam suas correspondentes do Pacto de Varsóvia, essas forças podem causar problemas consideráveis ao comando, controle e às logísticas das forças adversárias, esteja o inimigo atacando ou defendendo. Os batalhões de Tropas de Choque do Exército e Grupos de Forças Especiais dos EUA destinam-se em particular a combater unilateralmente e em conjunção com as forças da OTAN e outras, desempenhando missões que incluem:

- Obter e manter informações para apoiar as operações de guerra não-convencional.
- Proporcionar assistência e apoio a movimentos de resistência.
- Recrutar, treinar, equipar e comandar forças de guerrilhas.
- Realizar operações evasivas e de fuga no âmbito da área de operações da guerra não-convencional.
- Realizar operações subversivas.
- Desfechar ataques de penetração profunda contra alvos chave e estratégicos no interior do território inimigo, tanto unilateralmente como em conjunto com outras forças.

Encontra-se em debate a organização dessas forças com a discussão sobre a exequibilidade da criação de uma Força-Tarefa Conjunta de Guerra Não-Convencional, constituída por Tropas de Choque e Forças Especiais recebendo consideração prioritária.¹⁰

Dadas essas vulnerabilidades, o que podemos fazer agora para neutralizar o uso dessas forças caso irrompam as hostilidades? Excetuando-se o desenvolvimento da doutrina aeromóvel, os meios táticos de combater esses grupos não seriam muito diferentes dos utilizados na Segunda Guerra Mundial. Uma combinação decisiva dessas técnicas deveria incluir:

- Nossas próprias tropas de guerrilhas/operações especiais.
- Apoio aéreo cerrado capaz de unir a batalha terrestre com as nossas próprias forças de infantaria, blindadas e de artilharia.
- Treinamento de tropas árduo sem compromisso e que vise à independência e à disposição de assumir responsabilidades e formação de combatentes com confiança própria, bem como de líderes dispostos a correr riscos.
- Movimento constante de áreas de guarnição.
- Um programa que impeça a penetração de agentes inimigos disfarçados de trabalhadores civis, bem como de interceptação de rádio/telefone, patrulhas de reconhecimento, reconhecimento aerofotográfico e sobrevoos com radar e dispositivos infra-vermelhos.
- Um esforço eficiente de operações civis-militares e psicológicas com base em dados que levam em consideração os aspectos políticos, sociológicos, econômicos e culturais da área alvo.

CONCLUSÃO

Em suma, a União Soviética mantém uma força considerável destinada a ajudar na coleta de dados e informações, realização de sabotagem, destruição das linhas de comunicação e reservas logísticas, impedir os principais pontos de cruzamento e vias de acesso, assassinio e capturas de pessoal chave e na criação de confusão e pânico em áreas ocupadas por nossas forças. Essa ameaça pode muito bem ser contida no moderno campo de batalha por meio de uma combinação de dissensão dos próprios países do Pacto de Varsóvia, emprego das nossas próprias tropas de operações especiais, e das dos aliados, e da utilização de técnicas, métodos e entidades dedicados à identificação, localização e destruição da capacidade de operações especiais/guerra de guerrilhas pelos comandantes interessados.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - Otto Heilbrunn, *Partisan Warfare*, Praeger Publishers, Inc., N. Y., 1962, p. 181.
- 2 - *Ibid.*, p. 185.
- 3 - F. W. von Mellenthin, *Panzer Battles: A Study of the Employment of Armor in the Second World War*, Imprensa da Universidade de Oklahoma, Norman, Okla., 1956, p. 211.

- 4 – *Soviet Partisans in World War II*, Editado por John Armstrong, Imprensa da Universidade de Wisconsin, Madison, Wis., 1964, p. 214.
- 5 – Graham Turbiville Jr., "Invasion in Europe – A Scenario", *Army*, Nove 76, pp. 16-21.
- 6 – John Barron, *KGB, The Secret Work of Soviet Secret Agents*, Bantam Books Inc., N. Y., 1974, p. 465.
- 7 – Heilbrunn, *op. cit.*, p. 141.
- 8 – Friedrich Weiner, *The Armies of the Warsaw Pact Nations*, Carl Ueberreuter Publishers, Viena, Áustria, 1977, p. 153.
- 9 – *Ibid.*, p. 152.
- 10 – Shaun M. Darragh, "Rangers and Special Forces: Two Edges of the Same Dagger", *Army*, Dez 77, p. 19.